

Primo, amigo e, sobretudo, um grande profissional

Gustavo Maia Gomes

Escritor, Ph. D. em Economia, professor da Universidade Federal de Pernambuco de 1977 a 2009

A despeito dos laços de parentesco que tínhamos (seu avô Benon e meu pai, Mauro, eram primos em primeiro grau; sua avó, Helena, e a minha, Josefa, irmãs), só vim a conhecer pessoalmente André Maia Gomes Lages em 1984. Ele cursava, neste ano, o mestrado em Economia da Universidade Federal de Pernambuco; eu era um professor recém-chegado dos Estados Unidos, de onde trouxera o doutorado.

Foi André que me descobriu – lendo a placa com meu nome na porta da sala que me servia de gabinete na UFPE – e se identificou. Naquele dia, eu ganhei um amigo; desde então – e até sua inesperada, prematura e muito sentida morte –, acompanhei-lhe a carreira. Também nos visitávamos com frequência, a despeito da distância que nos separava. Ele vivendo no Rio de Janeiro, cursando o doutorado, ou em Maceió, como professor da UFAL; eu morando no Recife e nas outras cidades onde vivi, no Exterior ou em Brasília, cumprindo funções no governo federal.

Nessas ocasiões, conversávamos sobre a economia e a vida em geral. A respeito de nosso objeto comum de estudos, aprendi muito com ele; sobre a vida em geral, igualmente. O relato de suas histórias pessoais (autênticos “casos”), algumas das quais beirando o inacreditável, sempre nos proporcionava a ambos momentos de alegria.

Reconto, resumidamente, duas delas.

A primeira se passou no Recife. Meu primo, estudante, dividia com um colega o aluguel do apartamento onde moravam. Houve atritos entre os dois, pois o outro era muito pirangueiro (“muquirana, mão fechada, avarento”, define o Google) e não tolerava que André estudasse à noite, dessa forma aumentando a conta de luz, por cujo pagamento eram ambos responsáveis, em partes iguais. O protesto chegava ao ponto de

o companheiro de moradia desatarraxar todas as lâmpadas da casa e levá-las consigo, quando saía. André resolveu o problema comprando suas próprias lâmpadas, até que a convivência com o colega se tornou insuportável e cada um foi morar para o seu lado.

A segunda história se passou no Rio de Janeiro e teve duas testemunhas: Bruno (meu sobrinho e primo dele, André) e Eduardo (cunhado de meu irmão, Ivan). Os três eram solteiros, jovens e admiradores da beleza feminina. Certa noite, estavam num bar da Zona Sul quando viram chegar, juntas, uma mulher madura, quarentona, que não lhes chamou a atenção, e uma jovem deslumbrante, para quem todos os olhares masculinos ali presentes foram atraídos. As duas se sentaram em mesa próxima à dos três amigos. Houve insistentes trocas de olhares entre a moça e os rapazes, mas nada além disso. Até que, ao sair, a garota de beleza incomum passa por André, lhe diz alguma coisa ao seu ouvido e lhe deposita um número de telefone no bolso da camisa. Nesse momento, o prestígio do herói desta história subiu às alturas. Todos queriam saber o que a moça lhe havia dito e, também, se haviam combinado fazer alguma ligação telefônica já no dia seguinte. André se manteve silencioso, enigmático. Só depois de muitos pedidos ele revelou o que a moça havia dito: a mulher madura era sua tia. Ela tinha se apaixonado por André e queria conhecê-lo melhor. O telefone era o dela, não o da beldade.

O caso, naturalmente, morreu ali mesmo. Exceto pelo fato de que essa história era recontada por André, a meu pedido, sempre que nos encontrávamos. E nós ríamos dela, como quem ri dos sonhos ingênuos ou das tolices desculpáveis que todos temos ou em que incorremos enquanto jovens.

TRIBUTO

Minha afeição e respeito pelo primo, amigo e, sobretudo, grande profissional que este número da revista Economia Política do Desenvolvimento merecidamente destaca é tão grande que, poucos dias após o seu falecimento, redigi um “Tributo” a ele dedicado e que será incluído no meu próximo livro (*As palavras, em elaboração*). Creio que esta é uma boa hora e lugar para publicá-lo. Assim o faço. Eis o tributo:

Presto homenagem a André Maia Gomes Lages (1962-2022), primo, amigo, colega de profissão competente e dedicado aos seus alunos, pessoa que sempre esteve acima dos mais altos padrões éticos, profissionais e humanos. Precocemente falecido, ele deixou nos que o conheceram uma lacuna afetiva muito difícil de preencher.

Tenho para com André a gratidão geral por trinta e seis anos de convívio agradável e a especial por ter sido ele responsável pelo meu encontro com parentes Maia Gomes, Gomes de Barros e Bahia, muitos dos quais eu sequer sabia existirem. Sem a colaboração dessas pessoas, eu jamais teria escrito dois livros sobre a história familiar: *O trem para Branquinha* (Recife, CEPE, 2018) e *Uma noite em Anhumas* (finalizado em 2022, ainda inédito).

Sou um empedernido descrente nas mitologias religiosas, sejam elas a cristã, tupinambá, grega, muçulmana, espírita, de origem africana, ou qualquer outra, mas abro uma exceção e lhes digo, parodiando Voltaire: em se tratando de pessoas como André Maia Gomes Lages, se o Céu não existe, faz-se preciso inventá-lo.